

O nosso Portugal 2030

Susana Peralta

Nestes dias participei, a convite da Rádio Observador, num ciclo de debates sugestivamente intitulado “Portugal, é desta?”, a propósito da chamada Visão Estratégica para o Plano de Recuperação Económica de Portugal 2020-2030. Também carinhosamente chamado plano Costa Silva. O debate, com Carlos Guimaráes Pinto, ex-líder da Iniciativa Liberal, era sobre o papel do estado na recuperação económica. E foi, aliás, uma bela conversa, mas não é disso que quero falar aqui hoje.

A visão estratégica não é bem uma visão, porque é demasiado abrangente. Nela li que Portugal “deve conseguir dar o salto para o fabrico dos veículos do futuro”. Quanto ao programa de reindustrialização, retenha o fôlego, porque ele vai cobrir “da indústria transformadora, dos moldes e injeção de plásticos, à química, metalomecânica, têxteis e calçado, à indústria automóvel e aeronáutica, até à ciência dos novos materiais e produtos compósitos, (...) componentes para veículos, sistemas de carregamento e *software*”. Mas também o “setor energético, para alavancar o potencial do país, dinamizando o solar e a biomassa, e apostando no desenvolvimento do *software* para as redes elétricas inteligentes e para a Internet das Coisas” E ainda o “setor da construção naval, na reparação de navios e no seu desmantelamento”, a “indústria do tratamento de resíduos com a invenção de soluções tecnológicas para a reciclagem de sucatas e o processamento de resíduos”, a “indústria de serviços, articulando-a com a engenharia, o *design* e o *software* para gerir produtos complexos.” Um belo *pot-pourri*, portanto. Também podemos “transformar o país num *Hub* Internacional em Ciências da Saúde, produzir medicamentos inovadores e dispositivos médicos inovadores, aumentar o número de patentes”. E depois há a Universidade do Mar, também apelidada de Universidade do Atlântico, que vai “transformar os Açores numa plataforma tecnológica para o estudo do clima, do oceano, da terra e da meteorologia”. E, claro, Portugal como “centro europeu de engenharia”. E não é tudo, mas *I rest my case*.

A visão estratégica também não é bem estratégica, porque é demasiado vaga. Deparei-me em várias partes do documento com listagens semelhantes a esta: “As tecnologias digitais, a Inteligência Artificial, a Impressão 3D, o *Big Data*, as máquinas que aprendem, a robótica avançada, as nanotecnologias, o poder dos sensores”. São revoluções mais ou menos iminentes que



RUI GAUDÊNCIO

vão mudar a nossa forma de produzir, consumir, ou ambos, e criar excelentes oportunidades para o nosso país. É bem provável que assim seja. Mas estas listas de inovações revolucionárias, assim despejadas, sem verdadeiramente explicar o papel de cada uma, parecem-se demasiado com uma mão cheia de coisa nenhuma. Atrevo-me mesmo a confessar que a escolha arbitrária de iniciais maiúsculas sem razão



A visão estratégica também não é bem estratégica, porque é demasiado vaga



aparente me deixa ainda mais cética. As minhas reservas quanto ao documento não se estendem ao autor; o mais provável é António Costa Silva ter feito o melhor possível, com os recursos disponíveis, a começar pela equipa que não teve. Mesmo no final do programa, o jornalista Paulo Ferreira perguntou-nos o que cada um de nós tencionava fazer do documento. Não foi o único momento do debate em que discordámos, claro.

Carlos Guimaráes Pinto disse que ignorava o dito – uma posição que respeito, pelas razões que já expliquei.

Já eu anunciei que, em conjunto com três colegas, aproveitámos a oportunidade de o documento ter estado em discussão pública até ao dia 21 de agosto para submeter uma reação. As três colegas em questão são a Joana Gonçalves de Sá, a Júlia Seixas e a Susana Coroado, do Instituto Superior Técnico, Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova e Instituto de Ciências Sociais. Chegada aqui, explico o título que dei ao meu texto: podia ter-lhe chamado o “meu” Portugal 2030. Mas a verdade é que as críticas ao documento de Costa Silva que vos trouxe são minhas, mas a visão que venho partilhar convosco não é só minha. É pelo menos, também, a da Joana, a da Júlia e a da Susana. E pelas reações que tivemos entretanto nas redes sociais, de outras cidadãs e cidadãos.

O nosso Portugal 2030 é uma visão para uma sociedade ética e propõe que nos foquemos em quatro eixos fundamentais. Os quatro eixos partiram da identificação de outros tantos problemas estruturantes, que na visão das autoras nos impedem coletivamente, enquanto sociedade, de aproveitar o nosso potencial. Esses nós górdios são a crise ambiental, a pobreza, a secundarização da ciência e a corrupção.

E o que propomos nós? Um país sustentável, que deve atingir a neutralidade

carbónica, assumir a sustentabilidade como central ao desenvolvimento e mitigar os efeitos das alterações climáticas. Um país sem pobreza, que deve implementar um sistema de transferências monetárias abrangente, e procurar alargar as bases tributárias para conseguir que partes da economia que neste momento não contribuem a sua justa parte sejam chamadas a contribuir. Isto implica uma agenda europeia ambiciosa de impostos ambientais, sobre as multinacionais e as plataformas digitais. Um país conhecedor, que aposte na ciência e na transformação digital como bandeira do desenvolvimento. Um país justo, que combata a corrupção e reforce as instituições.

O nosso Portugal 2030 é um documento inacabado. Estamos a recolher sugestões e contributos e até criámos um *site* para esse efeito, <https://www.2030.pt>. Queremos contrariar a pressa com que muitos responsáveis políticos e outros querem reagir a esta crise voltando rapidamente ao normal. Esse “normal” é um falso amigo perigoso, que nos trouxe ao colo até esta crise sanitária e social sem precedentes. Voltando ao mote do meu debate com Carlos Guimaráes Pinto, é o nosso pequeno contributo para que “seja desta”. Vamos a isso?

Professora de Economia na Nova SBE. Escreve à sexta-feira